

## A TEMÁTICA DO AMOR E OS CAMINHOS LITERÁRIOS

Luana Grasiela Schonarth<sup>1</sup>  
Eunice T. Piazza Gai<sup>2</sup>

**Resumo:** Considerando os caminhos percorridos pela temática amorosa na literatura, refletimos sobre os possíveis conhecimentos que o processo narrativo propicia, os aspectos históricos e sociais nos quais a temática foi abordada na literatura, bem como um resgate de informações acerca das origens do tema e os personagens consolidados nos romances românticos. Nessa perspectiva, delimitamos o estudo entre os amores irrealizados, os impasses responsáveis pelos impedimentos amorosos, bem como os conflitos entre a paixão e o casamento nas narrativas românticas. Para bem fundamentar esta pesquisa, tomamos o mito considerado matriz das histórias de amor na literatura Ocidental: *Tristão e Isolda*. Diante da teoria do amor, partimos para a literatura do século XIX, analisando o romance de Balzac, *Eugênia Grandet*, que se torna exemplo da irrealização amorosa na literatura. Tratamos, pois, deste amplo caminho trilhado não só pela literatura, mas por todos aqueles que se deixam despertar pela eternidade e fascínio dos romances românticos.

**Palavras-chave:** Amor. *Tristão e Isolda*. *Eugênia Grandet*.

**Abstract:** Considering the paths taken by the loving theme in the literature, we reflected on the possible knowledge that the narrative process provides the historical and social aspects in which the issue was addressed, as a ransom for information about the origins of the theme and the consolidated characters in the romantic novels. In this perspective, we delimited the study between unfulfilled loves, deadlocks responsible for loving impediments, as well as the conflict between passion and marriage in romantic narratives. Well to support this research, we considered the myth matrix of love stories in Western literature: Tristan and Isolde. Given the theory of love, we left for the nineteenth-century literature, analyzing the novel by Balzac, Eugenie Grandet, which becomes an example of unfulfilled love in literature. Treat, because this broad trodden path not only for literature but for all those who allow themselves to awaken fascination for eternity and love theme.

**Keywords:** Love. *Tristão e Isolda*. *Eugênia Grandet*.

### 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português na UNISC. Bolsista de Iniciação Científica PUIC no Mestrado em Letras da UNISC.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística e Letras pela PUCRS. Docente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação da UNISC.

Pretendemos, neste artigo, apresentar uma teoria que dimensione e estude os caminhos percorridos pelo amor na literatura, delimitando o estudo entre os amores irrealizados, os impasses responsáveis pelos impedimentos amorosos, bem como os conflitos entre a paixão e o casamento nas narrativas românticas.

Para bem fundamentar esta pesquisa, tomamos o mito considerado matriz das histórias de amor, o próprio nascimento da paixão na literatura Ocidental: *Tristão e Isolda*. Sabemos que a história de *Tristão* já era conhecida desde o século VII, no entanto, foi a partir do século XII que a narrativa se concretizou nas múltiplas versões desenvolvidas ao longo da história literária.

Diante da teoria do amor, abstraída do mito do amor romântico, partimos para a literatura do século XIX, considerando a presença dos amores não correspondidos. Nesta etapa, analisaremos a obra *Eugênia Grandet*, de Balzac, uma vez que se torna exemplo da irrealização amorosa na literatura, vivida de modo mais contundente pela personagem que intitula a obra. É uma trama que retrata fielmente os hábitos de uma província francesa da primeira metade do século XIX, bem como os princípios capitalistas entrelaçados à época. A pertinência da escolha dessa obra, na análise do amor-paixão, revela-se ao desenvolver a temática do casamento enquanto mero interesse financeiro, desconsiderando todo e qualquer envolvimento amoroso entre o casal em questão: *Eugênia e Charles*.

Em síntese, estudaremos o discurso do amor romântico, através do mito *Tristão e Isolda*, considerado matriz dos romances românticos e, por fim, desenvolveremos uma análise interpretativa da obra de *Eugênia Grandet*, de Balzac, na qual é abordada, dentro da temática amorosa, a questão do casamento como mero interesse financeiro e familiar. Trataremos, pois, deste amplo caminho trilhado não só pela literatura, mas por todos aqueles que se deixam despertar pela eternidade e fascínio do tema do amor.

## 2. A TEMÁTICA DO AMOR E A TRADIÇÃO

### 2.1. A teoria do amor

Independente do eixo artístico, o amor é o sentimento que mais aproxima o ser humano da arte. É temática constante na Literatura, cuja função, muitas vezes, é tratar de assuntos que possibilitem ao leitor um meio de identificação, um veículo de aperfeiçoamento humano.

Muito antes de ser desenvolvido nas narrativas literárias, perpassando a matéria romanesca, o amor já era abordado em reflexões filosóficas, em questionamentos acerca da origem do mundo, dos elementos essenciais da vida e do comportamento do humano. Constitui-se, assim, uma temática universal, na medida em que nascem dela todas as fontes de emoções e de conflitos do homem.

Na literatura romântica, um dos temas que mais constituem enredos é o amor e os impasses que impedem a felicidade dos casais amorosos. Percorrendo caminhos sinuosos em busca da consolidação amorosa, os personagens, muitas vezes vistos como heróis, tropeçam em diversos obstáculos impostos pela moral da sociedade burguesa. Contudo, o preço da solução desses conflitos é tão alto que tiram do personagem o que ele tem de mais valioso, além do amor: a vida.

O amor romântico irrompeu na sociedade ocidental durante a Idade Média, surgindo, pela primeira vez na literatura, no mito *Tritão e Isolda*, depois nos poemas e canções trovadorescas. O mito aborda uma grande questão da literatura amorosa – o *amor* e a *morte*, logo, *amor mortal* –, na qual, renomados casais literários acabaram por conduzir seu amor para um plano divino, sublime aos olhos dos apaixonados. Nesta perspectiva, acreditando na possibilidade de viver o amor em outro plano existencial, os casais veem na *morte* a solução para os obstáculos dispostos em seus caminhos. São amores ameaçados e condenados pela própria vida.

Segundo Rougemont (1988), um amor feliz não constitui história. Se o desfecho do amor mortal não é toda poesia, é, ao menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente emotivo em nossas literaturas. No entanto, mais do que envolver a morte na temática amorosa, o mito de *Tristão e Isolda* faz do adultério um meio de viver, mesmo que às escondidas, este amor proibido.

Tristão já nasce, segundo Wisnik (1987), sob o signo da paixão. Brancaflor, mãe de Tristão, morre após o parto do filho, cujos cuidados ficaram a cargo do pai, Rivalino. Na história de seus pais, desenvolve-se um amor sem lugar, um amor já predestinado à irrealização. No início da narrativa, define-se o que vai vigorar durante todo o romance: “os amantes, quando se encontram, não se casam, e, quando se casam, não se encontram” (WISNIK, 1987, p. 198).

Nesta leitura sobre a Teoria do Amor, na perspectiva do mito *Tristão e Isolda*, direcionamos nossa reflexão para a forma com a qual os autores desenvolvem o casamento nas narrativas, quais as relações que ele mantém com as questões sociais e com os períodos históricos nas quais são desenvolvidas.

## 2.2. A problemática relação entre o amor e o casamento

Enraizado às temáticas amorosas, o casamento vem sendo discutido em diferentes perspectivas no decorrer dos séculos. Especialmente no mundo literário, em meados do século XII,

o casamento se havia tornado para os senhores um puro e simples meio de enriquecimento e de anexação de terras oferecidas em dote ou prometidas em herança. Quando o negócio fracassava, repudiava-se a mulher. O pretexto do incesto, curiosamente explorado, não sofria objeção por parte da igreja: bastava alegar, sem muitas provas, um parentesco até o quarto grau para obter a anulação. (ROUGEMONT, 1988, p. 29)

Em busca da solução para estes abusos, o amor cortês propôs um trato de fidelidade entre os casais, independente do casamento legal. Nesta perspectiva, se Tristão e o autor do romance compartilhavam tal ponto de vista, a deslealdade do sobrinho e a traição da esposa estariam perdoadas e, mais do que isso, santificados pelas convicções do amor cortês. O acordo de fidelidade considerava o amor cultivado pelos casais como a maior riqueza. Traições e mortes eram perdoadas quando motivadas pela preservação e cultivo do amor dos amantes.

O mito é narrado a partir da perspectiva dos amantes apaixonados. Essa contradição entre a paixão e o casamento movido por interesses financeiros é

vista, no romance, de forma clara. A figura do rei Marcos, tio de Tristão e marido de Isolda, é colocada como foco de humilhação, pois apesar de sua nobreza e grandiosidade, era colocado no posto de traído, deixando-o, muitas vezes, em situação constrangedora perante o reino.

Outro ponto passível de questionamento, no mito, é a relação entre a paixão – aquelas ardentes e irremediáveis – e o casamento, fazendo-as estarem, geralmente, em oposição uma com a outra: "quando namoram, fogem do casamento; quando se casam, o marido parte; quando volta, a esposa morreu" (Wisnik, 1987, p. 198).

Desvendamos, assim, o enigma que revelou a origem de Tristão. Seus pais, após casarem, ficaram afastados por motivo maiores, ao saber que a esposa estava esperando um filho, o pai volta para vê-lo nascer. No entanto, a esposa morre durante o parto e deixa o filho para ele criar.

### **3. O MITO ROMÂNTICO EM *EUGÊNIA GRANDET*, DE BALZAC**

#### **3.1. A história de amor em *Eugênia Grandet***

O romance é escrito na primeira metade do século XIX, retratando a sociedade provinciana francesa e a forma com que as famílias se relacionavam em busca da multiplicação de posses e títulos. Um período em que os casamentos eram financeiramente negociáveis e que bons partidos eram avaliados a partir das riquezas territoriais adquiridas pela família.

Dinheiro, poder, ambição, paixão e prazer, são esses os temas que permeiam a obra de Balzac. No decorrer da narrativa, percebemos claramente a necessidade de retratar a condição atual da vida burguesa, a descrição minuciosa dos personagens e do espaço em que a trama se desenvolve.

A obra *Eugênia Grandet* conta a história de uma doce e inocente moça provinciana, que se vê dividida entre o amor e o destino. Esta mesma personagem, cujo nome intitula a obra, carrega consigo um amor aprisionado às curvas do destino. Uma "Eugênia menina", filha do Sr. Grandet e uma "Eugênia mulher", entregue aos encantos do primo parisiense.

Eugênia fora criada em Saumur, uma pequena cidade descrita por modestos traços. Seu pai, o Sr. Grandet, era um senhor de negócios, cujas

preocupações contemplavam apenas o campo financeiro e materialista. A mãe, por sua vez, era uma senhora pacata, seguidora dos preceitos religiosos e incapaz de questionar as decisões do esposo.

Acabou ali uma história de amor. Quando Eugênia opta por emprestar o dinheiro para o primo, acaba, conseqüentemente, direcionando sua vida a um caminho alheio a todos aqueles que um dia imaginou percorrer. Casa-se, por fim, com um homem que, nos tempos de mocidade, fora escolhido pelo seu pai. Eugênia sabia que entre posses, boa família e instruções acadêmicas faltavam-lhe apenas uma coisa: o amor.

### 3.2. Interpretação do romance a partir do tema amoroso

Temos, na obra de Balzac, mais um exemplo das irrealizações amorosas na literatura. Mais do que isso, a narrativa nos traz questões pertinentes às reflexões feitas sobre o casamento, no capítulo anterior.

Ao trabalharmos com o tema do amor, já remetemos, de forma inconsciente, a enredos essencialmente românticos, apaixonados e correspondidos. No entanto, o mito do amor romântico desmitifica o clássico “felizes para sempre”, salientando que o amor, por si só, não necessariamente precisa ser retribuído. A temática amorosa, dentro da Literatura Ocidental é negociável. Os impasses que permeiam a união dos casais são geralmente ocasionados pelas famílias, por interesses financeiros ou, até mesmo, por simples teimosia do destino, traçado por desencontros, intervenções alheias e traições.

Analisando a obra de Honoré de Balzac, *Eugênia Grandet*, deparamo-nos com grandes impasses familiares e financeiros que impedem que a bela Eugênia, filha do negociante Sr. Grandet, viva seu amor por Charles, o primo de Paris. No entanto, o enredo da obra não é desenvolvido simplesmente pelo fato de existir um amor impossível ou pela união não permitida pela família da jovem. Ao analisarmos o enredo e seus respectivos personagens, levemos em consideração o contexto na qual a obra é desenvolvida.

Embora a narrativa enfoque as infelicidades amorosas da jovem, há um personagem que merece extrema atenção e análise, o qual é responsável pelos caminhos a que Eugênia é submetida a percorrer, o Sr. Grandet. Ele é

um negociante avarento, que teve a felicidade de fazer um bom negócio matrimonial e reerguer-se financeiramente. Um personagem que vive em função de lucros e bons negócios. Sua mesquinharia não lhe permite dar à sua família as reais condições de sobrevivência, negando, até mesmo, uma vela para bem recepcionar o sobrinho e condimentos para bem alimentá-lo.

Podemos caracterizar Eugênia, no decorrer do romance, em duas personagens – antes e depois de conhecer o primo parisiense, Charles, que trouxera as luxúrias da capital, que lhe apresentou a um mundo diferente do qual foi criada, que lhe despertou instintos femininos e amorosos, sentimentos que, até então, não eram permitidos para uma menina dentro dos preceitos determinados pela família.

Neste momento, retomo um ponto da obra para analisarmos, partindo dos esclarecimentos feitos acerca do enredo. Balzac caracteriza seus personagens e conduz os acontecimentos de forma que Eugênia, de fato, não encontre maneiras de viver o seu amor. Depois de despertar a paixão na prima, Charles vai atrás da sua dignidade, prometendo fidelidade e retornar à pequena cidade assim que recuperasse suas riquezas.

O amor de Eugênia é vivido, essencialmente, entre a partida e a volta do primo, mantido de forma solitária e esperançosa. No entanto, o primo volta, desfazendo as promessas e descartando a última possibilidade de viver o amor, trocando-a pela oportunidade de fechar um bom negócio, um casamento bem proveitoso e impulsionador à fortuna.

Eugênia Grandet, grande personagem feminina da Literatura Ocidental, mostra-se firme diante dos acontecimentos. Através do seu comportamento, compreendemos que a irrealização amorosa a fez identificar uma força misteriosa que atuava dentro dela mesma. Um ímpeto de autossalvação, de resguardo às únicas coisas que lhe restaram: as lembranças e riquezas do pai.

#### **4. CONCLUSÃO**

Essas paixões ilimitadas e violentas que envolvem as narrativas apresentam-se como impedimentos nos caminhos da consolidação do amor.

Visto que o desmedido, o incontrolável foge dos domínios humanos, conduzindo os personagens à perdição, à própria irrealização do amor.

Concluimos, a partir das análises das obras *História do amor no Ocidente*, *Os sentidos da paixão* e *O amor e o Ocidente*, seguidoras das perspectivas do mito de *Tristão e Isolda*, que o fato de termos uma base consolidada como fundadora do amor romântico na literatura enriquece, de forma significativa, as análises das obras contemporâneas.

*Eugênia Grandet*, de Balzac, possibilitou iniciarmos uma reflexão sobre a real importância do amor na consolidação matrimonial, questionarmos a relação dos casamentos como meras negociações comerciais, oportunizando a monopolização do poder financeiro dentro das famílias burguesas. Da mesma forma, a partir deste artigo, concluimos que o amor, tanto a partir do mito de *Tristão e Isolda* quanto nas obras contemporâneas, é constituído por conveniências. Bons homens, famílias bem estruturadas, casais residindo na mesma cidade, interesses profissionais afins, dentro tantos outros benefícios que se sobressaem na escolha de um pretendente.

Nessa visão reflexiva, encontramos fundidas vida e morte, ascensão e decadência da pretensa realização de desejos, consentimentos e objeções sobre os princípios sociais referentes ao casamento, bem como entrelaçadas as relações entre intervenções familiares e irrealizações amorosas.

Acolher este sentimento com tantas forças contrárias é, também, acatar as insatisfações e os desfechos trágicos do amor. Nesta perspectiva, concluimos que o estudo sobre o tema exige, além de reflexões sobre a teoria do sentimento, uma sensibilidade aguçada, ao ponto de enxergarmos o estudo não somente através de um olhar analisador, mas, sim, portador de uma visão sensível e subjetiva.

## REFERÊNCIAS

BALZAC, Honoré de. **Eugênia Grandet**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

CARDOSO, Sérgio et al. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ROUGEMONT, Denis de. **História do amor no ocidente**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. 2. ed. Rio de Janeiro:



Guanabara, 1988.

**TRISTÃO** e Isolda. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.